

Comunidade Negra de São Benedito da Praça 14 de Janeiro

Av. Codajás

Nova Cartografia Social da Amazônia

Manaus

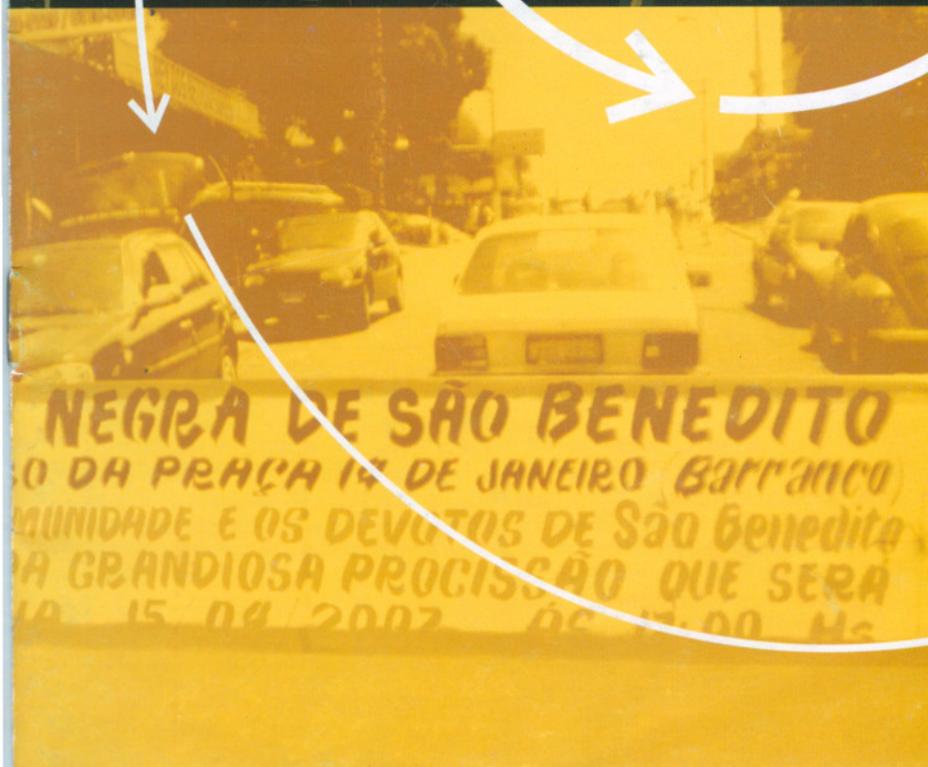
Rua J. Carlos Antony

Comunidade Negra de São Benedito da Praça 14 de Janeiro

Av. Tefé

16

Av. Itacoatiara



Participantes da Oficina de Mapas - 08.04.2007

1. Alan da Silva Almeida
2. Ana Conceição dos S. Pereira
3. Cassius da Silva Fonseca
4. Clarck Lázaro Da S. Fonseca
5. Creuza da Silva Fonseca
6. Cristiane Silva
7. Delfin Sá
8. Dolores Ribeiro
9. Elias Guedes Filho
10. Francisca Das Chagas Fonseca
11. Francisco dos Santos Fernandes
12. Franck Padilha
13. Gerson Nascimento Priante
14. Hamilton José Melo Salgado
15. Heitor Nascimento
16. Hildamira Silva
17. Ivan Martins Moreira
18. Jaime Inácio de Oliveira
19. Jamily Souza da Silva
20. José do Nascimento Santos
21. José Raimundo
22. Magnólia Rodrigues Fonseca
23. Maria Amélia S. dos Santos
24. Maria da Conceição F. dos Santos
25. Maria de Nazaré Vieira dos Santos
26. Marina Reis Rodrigues
27. Martinha da Silva Oliveira
28. Raimunda Q. de Oliveira
29. Rosa Maria Pereira Almeida
30. Valentin dos Santos



Da esquerda para direita; Fileira de trás: Clarck, Dona Conceição, Sr. Valentin, Ivan Martins, Dona Amélia, Franck, Elias Guedes, Zecão, Tia Cimá, Hildamira, Marina, Francisca, doutora Nazaré, Cassius. Fileira da frente: dona Amélia, Dona Creuza, Hildamira, Janota, Francisca, Jamily; Agachados na frente: Rosa, Ivan, Dulci, Melquíades e Gerson.

*"Não ficou direito, não está legal
se mudar o nome
de Praça XIV para Praça Portugal
Houve um comício a turma toda protestou...
A velha Praça o velho nome não mudou
E a nossa Escola não perde a pose
e vai descer como Praça XIV..."*
(Zé Ruidade)
Cantada na Oficina por Melquíades

Projeto "Nova Cartografia Social da Amazônia"
Série: Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia
Fascículo 16
"Comunidade Negra de São Benedito da Praça 14 de Janeiro"
ISBN: 85-86037-26-6
Manaus, 2007

Coordenação do Projeto "Nova Cartografia Social da Amazônia"

Alfredo Wagner Berno de Almeida
(PPGCSA/UFAM, FAPEAM/CNPq)

Edição

Dulcilene Gomes Batista

Equipe de Pesquisa

Dulcilene Gomes Batista
Jamily Souza Da Silva
Clarck Lázaro Da S. Fonseca
Francisca Das Chagas Fonseca
Emmanuel de A. Farias Júnior
Alfredo Wagner Berno de Almeida

Elaboração do Mapa

Luis Augusto Pereira Lima

Fotografias

Francisca Das Chagas Fonseca
Emmanuel de A. Farias Júnior

Projeto Gráfico

José Fernandes F. Neto

Entrevistas de Apoio à Oficina

Henrique Nascimento
Vitória Nascimento
Jose Nascimento

Em dezembro de 2005, em reunião do Conselho da Cidade e lideranças do movimento social de Belém, foi apresentado o projeto "Nova Cartografia Social da Amazônia" e o resultado dos trabalhos de pesquisa com quebraadeiras de côco babaçu e quilombolas. Das situações sociais identificadas resultou a mobilização dos presentes na reunião para a o desenvolvimento do Projeto com grupos que vivem nas cidades. A partir desta reunião teve origem a Série "Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia". Esta série se inicia com os indígenas, homossexuais, afro-religiosos e negros de Belém e tem continuidade com outros grupos em Belém e outras cidades da Amazônia, como Manaus.



Sr. Heitor Nascimento, 83 anos
Oficina de Mapas - 08.04.2007



Sra. Maria de Nazaré, 74 anos
Oficina de Mapas 08.04.2007

"Olha pessoal, essa festa de São Benedito começou, quando eu tinha uma avó que era escrava. Então, quando ela veio de Portugal, os senhores dela perguntaram onde é que ela queria morar, ela disse que queria morar no Amazonas. Ele comprou as passagens pra ela e dos amigos dela que eram: Antoniá, Bhaima, Aroldo Elias e, o primeiro, foi Felipe Beckman que foi chefe de tudo. Então, ela veio pra esse Amazonas, trouxe uma comunidade só de pretos ali naquela Rua Japurá se procurava uma pessoa de pele mais clara e não se encontrava, era só preto e ninguém queria morar aí. E acompanhou com ela também um *pé de estrela*." **Sr. Heitor Nascimento.**

"A Praça XIV me ensinou a viver; A Praça XIV me ensinou a saber "quem é quem"; A Praça XIV me ensinou a fazer samba, a sambar, a ter alegria, apesar de todos nós sermos um pouco sofridos aqui, não ser muito olhado até pelas autoridades. Mas isso não interessa pra gente não, porque quem tem samba, quem tem amor à Praça XIV de Janeiro, quem tem amor a essa raça negra, supera todos e tudo isso e eu aprendi muito" **Delfim Sá.**

"Eu sou filha da Praça XIV mas aí eu fui com sete meses para o Maranhão e voltei com oito anos, fiz oito anos de lá pra cá, fiz oito anos a bordo. Nós chegamos aqui no dia 07 de setembro de 41(1941), eu fiz oito anos a bordo do Raul Soares - o navio lotou, o Raul Soares foi fundo em 41. Isso aqui era uma mata, só tinha o campo do Solimões, aqui em cima onde está a igreja que era a estaca do Solimões Jogava Solimões e Fluminense. Era tudo mato, mas era melhor do que hoje, pra mim era porque era mato mas a gente andava tudo por aqui, não tinha medo, não tinha nada. Atravessava ali, tinha o igarapé grande que ninguém atravessava para Cachoeirinha, para ir para Cachoeirinha tinha que ir pela Duque de Caxias direto, tanto que o caminho chamava Circular, onde se dava a volta para ir para a Cachoeirinha, mas era muito bom. Mas hoje em dia eu tenho medo de andar" **Maria de Nazaré Vieira dos Santos.**

Porque a Cartografia?

"Falta alguma coisa aqui? Falta, mas com essa ajuda, com essa reunião que nós estamos fazendo aqui, com apoio do professor da Universidade... é isso que nós estamos precisando, porque eles não esqueceram da gente, nós mesmos esquecemos de nós mesmos. Bonito esse convite para reunir. Vimos agora, duas senhoras que a quanto tempo não se viam morando no bairro, se abraçaram, choraram. Nosso amigo Valentim... Que coisa maravilhosa! Que espetáculo! Que exemplo ele deu para a gente agora. É isso senhores, vamos fazer isso, não vamos deixar que se acabe esse nosso coração essa raça negra, ou que levem aqui do Bairro da Praça XIV, como já levaram muitas coisas, senhores. Vamos se unir! Vamos voltar! Vamos falar nas ruas com nossos amigos, com nossas pessoas. Esse tapinha nas costas tomara que não seja só hoje, seja sempre, a vida inteira." **Delfim Sá.**

"A Cartografia é uma forma de resgatar a história cultural, social e religiosa do Bairro da Praça 14 de Janeiro, da Comunidade Negra de São Benedito" **Clark Lázaro da S. Fonseca.**



Trabalho em grupos, Oficina de Mapas (PNCSA).
08.04.2007. Da esquerda para direita: Valentin, Ivan,
Zecão, Marina, Raimunda e Marta.

História da Praça 14

"Senhoras, Senhores, eu vou contar um pouco da minha história, porque meu pai foi um dos fundadores da Praça XIV. Chegou aqui com a família Fonseca, ele era do tempo dos imigrantes, meus avós chamavam-se Antoniá e minha avó, chamava-se Corina, uma velha dançarina, que fazia toda brincadeira... Chegou a família Fonseca, aqui no Bairro da Praça XIV: tinha Da. Dulcinda, Manoel Paixão. Não tinha nada aqui, tudo era mato aqui. Eu conto isso, porque meu pai conversava muito comigo e contava o finado Antoniá que tinha o pé torto do tempo da escravidão. E hoje, o pouco que eu sei, eu estou contando:

Eu vi a segunda guerra aqui, o pessoal que invadiram aqui os alemães, ingleses, portugueses e japoneses que tinha muito aqui e a força do exercito brasileiro veio para expulsar todo mundo e a gente tinha aquilo como brincadeira correndo por aqui e aqui nessa Rua, expulsaram muita gente aqui.

Antigamente tinha aquele Rui Araújo que era chefe de polícia essa rapaziada tudo novo assim, ele mandava pegar, colocar tudo na *manduquinha* e mandava levar para marinha, prendia mesmo pra marinha. Eu fui um que cansei de correr, invadir as casas e esconder. Minha mãe lavava roupa para uma família grande, chamava-se Os Marrocos, na Miranda Leão (Rua) a minha mãe lavava roupa pra eles e eu ia deixar com a trouxa, quando eu vinha a pé pela Joaquim Nabuco (Rua) eu não enchergava o bonde, mas às vezes não via o bonde, eu vinha andando vinha a *manduquinha* e prendia tudo quando era garoto para levar, prendia e levava para marinha. Quando você chegasse aqui era um oficial, como o filho da Dona Rocinda, que foi pego, negão bonito, quando ele chegou aqui, mais de trinta anos depois, todo mundo nem conhecia ele.

Nós vimos essa Igreja nascer, a Igreja antiga era aqui a onde está o Banco do Brasil, onde morava o finado Zé Gordo e tinha a Igreja. A gente ia badalar o sino. O finado Antônio, caixeiro português, que morava aqui, ele vendia pra vocês os terrenos aqui pra vocês irem pagando, ele era dono de tudinho, ele que vendia pros moradores da Praça XIV esses terrenos e você ia pagando como podia." **Valentin dos Santos.**

"Eu não nasci na Praça XIV, não sou filho de raízes, mas vim pra cá aos meus seis anos de idade em 1950. Eu sou de 1944 e chegamos aqui em 50, estou quase que ... 57 anos que eu moro aqui na Praça XIV. Vou falar primeiramente da Avenida Boulevard Amazonas: naquela época era uma pista de piçarra, não tinha asfalto dividida pelo matagal e hoje em dia onde é o hospital era uma lagoa, quando enchia o rio enchia lá, quando secava o rio, secava lá também. E nós jogava bola, então a gente brincava no campinho lá.

Vou falar da Duque de Caxias (Rua): a Duque de Caxias também era intransitável, então existia a rodovia, existia o Batuque da Mãe Efigênia e se via um buraco devido o igarapé e ali atravessava o igarapé. E através do lixeiro foi construído um aterro para poder interligar a Duque de Caxias (Rua) aterro que eu falo primeiramente foi um lixeiro, quem é antigo aqui se lembra foi feito aterro ali na Duque de Caxias na época do Governador Plínio Coelho, o primeiro governador aqui de Manaus, depois do o Álvaro Maia, o falecido Álvaro Maia. Aqui Sr. Álvaro Peres ele é vivo ainda; a seguir na Inhamundá com a Emílio Moreira; Sr. Álvaro; o Sr. Alfredo; primeiro mercadinho coberto aqui em Manaus feito por Sr. Plínio Ramos Coelho, foi aqui onde existe essa quadra: Emílio Moreira com a Tarumã; aqui do lado era a estação do ônibus ônibus de madeira, de pau que a gente chamava, porque era feito de carroceria inclusive aqui em Baixo na Emílio Moreira que era o fabricante de carroceria tanto de carroça como de caminhão e ônibus, eu esqueço do nome dele... Sr. Emanuel (tão me lembraram aqui). Mas aqui na frente existia a delegacia de polícia, onde é o Mil Milhas bem no canto aí da Jonathas; a seguir Ação Social que não existe mais que foram até vendida essa Ação Social ela fazia festa do bairro e tinha uma parte de ambulatório médico também que atendia os associados quem era sócio, era atendido por lá. Lá no canto da Ramos Ferreira com a Emílio Morreira... esquerda que é o Posto Médico; no outro canto bem em frente era a casa dos padres, o seminário que hoje em dia é a faculdade era um seminário onde vinham os padres para residir aqui em Mauas e estudar... **Melquiades.**

Eu venho acompanhando aqui, as atrações da Praça XIV, há alguns anos e na minha função de fotógrafo, venho registrando desde a década de 70 as atividades e também a área. Pouco eu tenho que dizer, muito eu tinha que mostrar daquilo que eu vinha fazendo, mas eu sempre disse que aqui, a área da Praça XIV era uma "*usina ecumênica*", onde se reuniam cultos e todos viviam em redor do monumento maior, essa igreja de Nossa Senhora de Fátima. Aqui nós temos de Candomblé, Umbanda, Espírita, várias igrejas Batistas, Evangélicas, Católicas e todos convivem, cada um dentro do seu culto. E mesmo dentro da família: aconteceu com uma família aqui perto que faziam Festejo a São Sebastião, com Mastro, Procissão... - Não tem quase nada escrito sobre o Bairro. Mas a Praça XIV sempre é citada, tornou-se pequena porque Manaus cresceu." **Anilton José Melo Salgado.**

Rituais de Afirmação

Festa do Santo, Boi-bumbá e Escola de Samba

A Festa De São Benedito

"A Festa de São Benedito começou no Barracão... Sr. Ramires, Sr. Raimundo Elias, tudo era maranhense... Era uma amizade, fizeram o Barracão tudo junto e tinham aquele amor um pelo outro... era uma amizade! A finada Paula e a finada Letícia, foi que foram tirar meu pai de dentro do navio que ele veio como imigrante, pegou a varíola e ficou jogado lá no meio do Rio Negro. Da Letícia era uma maranhense do finado Manoel, o finado Antão, o ... irmão da família de Dona Paula eram muito amigos dos maranhenses. Foi o tempo do Eduardo Ribeiro, não sei se todo mundo aqui conhece Eduardo Ribeiro que era maranhense e foi que a finada Letícia foi pedir dele para tirar meu pai de dentro do navio, que estava morrendo podre lá dentro do navio e aí tiraram ele e levaram ... lá na beira do igarapé, da Olaria Grelo, lá em baixo e aí curaram meu pai. E aí eles começaram a fazer os festejos de São Benedito... era aquela animação era aquele Barracão grande... Isso era em 40 - 45 (1940-1945), no tempo da guerra eu era menino..." **Valentin dos Santos.**

A imagem foi trazida do Maranhão, há mais de cem anos, pela família Fonseca foto: 15/04/07.

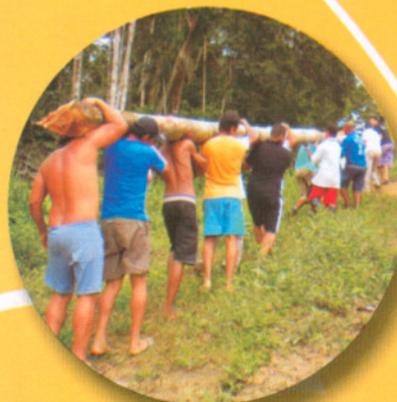
Atualmente a retirada do Mastro é feita no sítio Recanto dos Orixás. Estrada BR -174 01.04.2007

Tia Cimá, responsável pela continuidade da tradição da novena abril, 2007



A Retirada do Mastro

"Tinha um senhor aqui atrás por nome de Vicente era ele e Joaquina, chamava a Festa de São Francisco. Ele também levantava o Mastro como São Benedito e eles iam pegar esse Mastro antes de sábado de aleluia, oito dias antes. Eles iam pra mata, enfeitavam o mastro, quando eles chegavam nove horas, 10 horas do dia, já tava feito o local para o Mastro, então ia fazer-se a novena aí, era aí onde era a pista, porque ali não tinha pista, ali era plano como é isso aqui. Aqui foi cortado no tempo do Plínio Coelho - como eu falei pra vocês" **Marina Reis Rodrigues.**



A Novena

"A casa da Tia Paula era do lado de cá, onde mora o Sr.Heitor, só que quando ela adoeceu, quem morava lá era a vóvó, que era mãe da Tia Paula ela disse que queria ir e ficar lá junto com a mãe dela e aí a Tia Bárbara ajeitou lá e ela foi pra lá. Lá ela morreu, na casa de São Benedito, mas a casa dela era do lado de cá. Depois que ela morreu, saiu de lá veio pro lado de cá, ali a Tia Lurdinha já começou fazendo as novenas de São Benedito. Tia Lurdinha morava em Petrópolis e ela só vinha pra fazer a novena. A Lurdinha já começou depois que a Tia Bárbara morreu, ela tomou conta. *Quando a Tia Bárbara morreu, foi em 58 (1958), a partir daí, a Lurdinha tomou conta, ela morava no São Francisco a Tia Bárbara, a Lurdinha também morava no São Francisco, já vinha pra fazer a novena, nunca deixou de fazer a novena.*"

Hoje, é o mesmo ritmo, só que quando eu me entendi, o mastro era buscado lá no Sr. Horácio, na cachoeirinha. Não tem esse conjunto Kubtschek? Ali bem no canto era a casa do Sr.Horácio, que era maranhense também. E de Lá já traziam o mastro enfeitado com tudo que era de fruta não tinha passagem, já vinha pelo circular (caminho de terra no meio do mato), aqui na Hermínio Moreira (Rua), ia todo mundo cantando com as bandeiras, com o mastro na frente, com música, era muito animado! Aí na Rua do Sr. Valentin a gente ia gritando: "Viva São Benedito!" não tinha passagem da cachoeirinha pra cá, a gente vinha pelo circular, mas era muito animado."

"É que os padres não aceitavam São Benedito, porque eles diziam que era de macumba, não aceitavam. Já do Frei Alberto pra cá foi que aceitaram. Frei Alberto mandou trazer São Benedito, ele foi lá, viu tudinho, ele mesmo já ia pra novena aí foi que mandou que trouxesse São Benedito." **Maria de Nazaré Vieira dos Santos.**



Comunidade Negra de São Benedito

60°0'50"W

60°0'40"W

60°0'30"W

37°10'S

37°20'S

37°30'S

37°40'S

60°0'50"W

60°0'40"W

60°0'30"W



Rua Emílio Moreira

Av. Nhamundá

Praça 14

Av. Japurá

Av. Tarumã

Rua Jonathas Pedrosa

Rua Visconde de Porto Alegre

Rua Ramds Ferreira

Rua Barcelos

Cachoeirinha

Rua J. Ca

Rua Gal. Glicério

Rua Dr. Machado

Rua Duque de Caxias

Rua Leonardo Malcher

Ig. do Mestre Chico

Mapa do Bairro da Praça 14 de Janeiro



Legenda

- 1ª QUADRA DA VITÓRIA RÉGIA
- ANTIGA CAPELA NSRA DE FÁTIMA
- ANTIGA CASA DO MESTRE ANTÃO_DANÇA DAS PASTORINHAS
- ATUAL QUADRA DA VITÓRIA RÉGIA
- AÇÃO SOCIAL
- BARRAÇÃO_LOCAL DO ANTIGO FESTEJO DE SÃO BENEDITO
- BARRANCO, ONDE É ATUALMENTE REALIZADA A FESTA DE SÃO BENEDITO
- MASTRO DE SÃO BENEDITO_REDUTO DA FAMÍLIA FONSECA
- LOCAL DE CHEGADA DA PROCISSÃO
- BATUQUE DA MÃE EFIGÊNIA
- CACIMBA DE SÃO BENEDITO
- CASA DA DONA BIBI_REZADEIRA
- CASA DA DONA CHAGAS_LOCAL DE FESTEJOS COSME E DAMIÃO
- CASA DA REZADEIRA SRA. MÃE MARINA
- CASA DO PEDRO MALA VELHA_SEDE CLUBE FLUMINENSE
- CASA DO REZADOR SR. HEPIDIO
- CASA DO SR. CHICO PRETO_FESTEJAVAM SÃO FRANCISCO
- CASA DO SR. HEITOR_ORIGEM DO BOI CAPRICHOSO
- CASA DO SR. HORÁCIO_ONDE ERA RETIRADO O MASTRO
- CASA DO SR. JOÃO PORTUGUÊS_FESTAS DE PASTORAL
- CASA SR. ZÉ RUINDADE_COMPOSITOR DAS MARCHINHAS
- CHÁCARA NSRA DE FÁTIMA
- CLUBE SOLIMÕES_LOCAL DE LAZER DA COM. PÇA14
- CONSTRUÇÃO DA NOVA CAPELA DE SÃO BENEDITO
- ENSAIOS DA ESCOLA MISTA
- ESCOLA TEONILA_SEDE CLUBE ROMERINO_ESCOTEIROS
- IGREJA DE FÁTIMA_ANTIGO CAMPO DO CLUBE SOLIMÕES
- JAQUEIRÃO_REUNIÕES / DOMÍNO
- MERCADO
- POMAR DOS INGLESES
- RÁDIO COMUNITÁRIA_TABERNA DO SR. ÁLVARO PEREZ
- SEDE DO 1º GRUPO DE CAPOEIRA
- TERREIRO DE DONA CLARA
- TRAJETO DA PROCISSÃO
- COLÔNIA DOS MARANHENSES
- LIMITE DO BAIRRO
- RUAS
- IG. DO MESTRE CHICO

Reivindicações da Comunidade

- CONSTRUÇÃO DA CAPELA DE SÃO BENEDITO E A SEDE SOCIAL DA COMUNIDADE NEGRA DE SÃO BENEDITO
- REVITALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESPORTE E LAZER
- SANEAR AS AV. NHAMUNDÁ E JAPURÁ E A RUA VISCONDE DE PORTO ALEGRE
- REVITALIZAÇÃO DO IG. DO MESTRE CHICO

Localização



Escala 1:5.250

60 0 120 m

Sistema de Coordenadas Geográficas
Datum Geodésico Horizontal - SAD69



Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
Comunidade Negra de São Benedito

Equipe de Elaboração:
Jamily Souza da Silva
Dulcilene Gomes Batista
Emmanuel de Almeida Faria Junior
Alfredo Wagner Berno de Almeida

Data da Elaboração: Maio de 2007

Fonte:
Base Cartográfica da Prefeitura de Manaus
Imagem Ikonos(B1G2R3)-2002
Croquis da Comunidade Negra de São Benedito-Pça 14

Cartografia:
Luis Augusto Pereira Lima

"Eu quero falar mais sobre as religiões na Praça XIV. Na época nós tínhamos os festejos de São Cosme e Damião que era festejado pela Dona Chaga; Festejo de São Sebastião que era pela Dona Enedina, não é? Tinha Dona Miguelina lá em cima, perto dela que era o Batuque. Tinha o Divino Espírito Santo que era ali para cima; tinha São Cristóvão, também pra lá. São muitas dessas coisas que foram desaparecendo, começou a desaparecer, mas ficou o que foi a tradição maior que é a Festa de São Benedito.

A Festa de São Benedito, quando soltava o primeiro foguete, mamãe dizia logo: "Olha, vai começar a Festa de São Benedito". Então todo mundo ia pra lá pra pegar uma frutinha. Mas a gente vinha pras Novenas, pra Procissão e aí fui crescendo, fui crescendo... E onde é que eu to hoje? To lá dentro, mas dentro mesmo da Festa. Somos uma família eu trato eles como uma família. Nosso pai maior é esse aqui, Sr. Heitor. A gente tem todo respeito por ele, porque a gente considera ele que é o único esteio vivo da época dos primeiros maranhenses que vieram pra cá." **José Raimundo.**

"Olha, eu quando alcancei a Festa, já foi com a Da. Lurdinha a finada Lurdinha, era muito boa. Tinha o Mastro, tinham prêmios para quem fosse alcançar a bandeirinha que, aquilo era o orgulho da meninada era alcançar a bandeirinha lá em cima. Então era a maior luta, porque o mastro, primeiro passava-se graxa, engraxava ele com a graxa de carro depois, ele em baixo ainda, botava as frutas, tinha banana, abacaxi, toda qualidade de fruta que existia no mastro. E depois da missa que, eu me lembro muito bem, era acompanhada pelo Seu finado Bebe que tinha uma banda que tocava é verdade ou não é?"

Tinha também o Seu Cutuca Vavá que tocava também clarinete. Então, eles acompanhavam a procissão através desta bandinha pelo Bairro aqui, quando retornavam pra lá é que iam fazer a festa das crianças pra subir e ver quem era que ia pegar o premio, o prêmio era um dinheiro: Vamos supor naquela época, dez cruzeiros? ... (Alguém falou: "Dez mil reis") ...É isso aí, dez mil reis era um dinheiro grande! - Eu fico as vezes até pensando a evolução que está agora a Praça XIV: prédios, lojas, com ambulatório, com posto médico, mas eu acho que ainda é muito pouco para moradores..." **Melquíades.**

"A gente vai tentar fazer cumprir ao menos um pedacinho do que era antigamente, que a gente possa resgatar como era no passado para colocar no presente. Então pra isso, como o Sr. Valentim falou, é preciso da união gente, a gente tem que se unir. É unir as forças, unir a energia e fazer com que uma devoção tão bonita... São Benedito é um santo humilde, era um cozinheiro que fazia caridade para seus irmãos. A Tia Lurdinha, agora ela está feliz, ela está muito satisfeita, Dona Paula, outras pessoas que ajudaram no começo de trazer do Maranhão para cá essa devoção de São Benedito. A Festa de São Benedito, eu sei que ela tem mais de duzentos anos, pode chegar a quinhentos anos, a idade do Brasil. Temos que fazer com que as crianças de hoje possam dar continuidade, quando terminar a festa a gente possa seguir cantando: "Glorioso São Benedito..." até a gente esquecer... A mesma coisa que tinha ali embaixo, na Duque de Caxias (Rua), que tinha uma voz do Sr. Chico Tapioca que tinha aquelas musicas da Jovem Guarda e hoje não tem mais aquela voz, para anunciar alguma coisa, tudo foi acabando, as pessoas foram acabando e não procuram tentar resgatar" **Franck Padilha.**

"São Benedito foi um movimento muito bom para nós e é nos tempos que estamos ainda vivos, porque o que morreu não volta mais. E outra coisa que eu vou dizer, conheci todos os pais do meu marido, a bisa, tudo e eu tenho aquilo como uma recordação do povão daí da Beira do Barranco gosto muito, meus filhos, a Cimá, Sr.Zeca, Dona Nazaré com a família, porque ela não mora aqui no Bairro, mas ela ama essa Praça XIV de todo coração." **Dona Creuza.**

Comunidade faz a preparação do Andor para a Festa de São Benedito. 15/04/2007. Da esquerda para direita: Francisca, Benedita, Hildamira, Franck e Joana

O Mastro no Barranco, junto ao Manguairão. (Mastro levantado: 01.04.2007)



"Meu pai também veio do Maranhão em 1910, veio residir aí na Japurá, onde eu nasci e me criei. Meu pai, Sr. Ramiro, fazia parte da diretoria do Boi Caprichoso e quando era na Época de São Benedito, eles iam pegar o mastro lá na casa do sr.Horácio, aí vinham pelo circular. A avó do Sr.Valentin, Dona Corina, vinha com a bandeira dançando, o mastro já vinha enfeitado, todo mundo cantando. Quando chegava aí, meu pai dava as coordenadas: eles faziam três tesouras para agüentar o mastro, como ontem teve, aí enterrava. Era assim, formava-se uma equipe para na hora do mastro sair tudo a contento. Aí na sede do Solimões, ali na Visconde (Rua), aonde é a Clínica Ana Rosa, era da Dona Maria Luísa esposa do Mestre Carlos *Tinteiro* e eu brinquei desde pequenina." **Dona Hildamira.**

A Procissão

"A gente brincava ali, mas a gente brincava ali porque era uma mata mesmo... Tinha uma bandeira de São Benedito, que quando ia buscar o mastro, a Dona Corina vinha com a bandeira na frente, não existe mais a Bandeira de São Benedito. Tinha que ter a bandeira, porque toda vez tinha, ela vinha cantando, era muito animado! - Os cantos de hoje eram esses mesmos e tinham outros, mas eu não me lembro" **Maria de Nazaré Vieira dos Santos.**

A Derrubada do Mastro

O Boi Caprichoso

"Então nesta Praça os vizinhos eram todos amigos, não tinha inimizades. A festa era festa pelas pessoas. Este Boi que era do pai dele (Raimundo Fonseca), o Caprichoso, eles faziam uma festa que era muito organizada, era com: Vaqueiro, Índio, Pai Francisco, Mãe Catirina, Cazumbá e Mãe Maria e Rapaz. Então eles ensaiavam o Boi aqui na Praça, não tinha aquela pista ali, era uma Praça só. Aí tinha a Barraca da Mãe dele de guloseimas, as coisas muito gostosas, avó dele vendia um Tacacá que era um Tacacá muito gostoso que esse Tacacá eu só bebia quando ela estava viva. Então nós fazemos parte destas coisas todinhas, ninguém brincava, quem brincava eram os adultos eu era criança, mas eu sei contar todas as brincadeira que tinha." **Marina Reis Rodrigues**



Procissão de São Benedito - 15.04.2007
Na frente do Andor Sr. José Roberto e Cassius

Subida no Mastro e Derrubada: 15.04.2007



"Aí veio este festejo que era em Abril, de São Benedito e o Boi, que ninguém sabe, muita gente que pensa que foi nascido aqui. O Boi veio do Maranhão com a família dos maranhenses: Mestre Manoel, Mestre Raimundo, Da.Paula, Da.Leticia, Da.Dulcinda, Sr. Ramiro, Sr. Raimundo Elísio "Preto Velho", isso eu conto porque eu vivi no meio deles, eu vou fazer setenta e três anos (73), mas eu não me esqueço do meu passado que meu pai conversava muito comigo e até hoje aquilo segue na minha memória pra mim contar a realidade, a minha geração. Eu sempre tive amor pela minha geração, minha gente de cor, eu amo a minha vida, gosto da brincadeira, gosto de viver, gosto de brincar, gosto de dançar eu quero é viver a vida"

"Dona Paula, Dona Leticia, Sr. Raimundo, finado Manoel faziam aquela festa de São Benedito, depois eles fizeram o Boi meu pai era quem fazia o Boi. Meu pai era alfaiate, Sr. Augusto, era cantador de ladainha lá do São Benedito. Meu pai amava, como eu amo, como eu sempre amei a minha cor... Fomos tudo criado junto. A minha senhora mãe, deixou meu pai sozinho criando onze filhos. Eu fui pra casa de dona Paula, ela dava comida pra gente... Criou a gente... Tudo isso aconteceu na minha vida de infância... Isso tudo aqui, era uma irmandade de maranhenses" **Valentin dos Santos.**

"Eu tenho certeza que do jeito que meu pai era, esse Caprichoso que está em Parintins seria aqui. Não seria esse comércio como é o de Parintins, ainda tava continuando aqui. Ele com os amigos dele, não deixavam faltar nada, vinha uma banda de boi para todo mundo comer, não sabia nem de onde ele vinha. Todo mundo queria participar da festa. No dia da matança então a Praça XIV ficava lotada de gente e o boi desaparecia. Não era como hoje, esse Caprichoso que ta em Parintins já me procuraram várias vezes, levaram retrato do meu pai, da minha mãe depois eles trouxeram. Mas se meu pai fosse vivo, estava aqui, estava festejando do jeito que era antes." **Heitor Nascimento.**

"Tão registrado também de 62 (1962) fotos do Caprichoso que eu tive a honra de brincar, de participar por muitos anos, no Caprichoso deixei em 68 (1968), me casei em 66 (1966) e deixei o Caprichoso em 68 (1968). Meus filhos, meus cunhados continuaram a brincar, até que encerrou de uma vez já na mão da Dona Maria Gadelha que vinha botar o Caprichoso aqui em Manaus era o cidadão por apelido *Pedro Come-feio*. Eu acho que muita gente aqui se lembra que o primeiro Boi a sair ali na Jonathas (Rua Jonathas Feitosa) com a Ayrão (Avenida Ayrão) foi o Vencedor do finado Maranhão... desde aí eu comecei a participar da brincadeira de Boi; Em seguida veio esse *Pedro Come-feio* do Maranhão, ele era maranhense, como ele gostava muito da brincadeira de Boi, ele brincou muito aqui no Corre Canto, no Vencedor, Mina de Ouro eram os Bois que existiam aqui em Manaus - era o Prosa, então ele botou o Boi, pediu permissão aqui dos nobres (família Fonseca) pra colocar o Boi, foi quando eu vim participar pela segunda vez. Porque a primeira vez, o Caprichoso, o Curral era aqui na Japurá eu era muito criança, não podia participar porque só participava homem e adulto naquela época, não participava mulher." **Melquiades Antônio Braga.**

A Escola de Samba

Oficina de mapas, 08.04.2007.
Apresentação da bandeira da escola mixta
1ª escola de samba da praça 14

*"Minha XIV querida
O carnaval já chegou, queremos te ver na avenida!
Cantando o samba em teu louvor
Minha XIV querida
O carnaval já chegou, queremos te ver na avenida!
Cantando o samba em seu louvor
Tu és para mim a Escola Mais querida
Praça XIV és minha vida
O Carnaval já chegou meu senhor
Para alegrar nossa vida
O Carnaval já chegou meu senhor
Para alegrar nossa vida"* (Zé Ruidade)

Samba da Escola Mixta



"Eu fui uma das primeiras a sair, porque nós estávamos aqui na Igreja e quem batia o sino da Igreja, da capelinha era eu, minha mãe dizia: "vai bater o sino" aí eu batia o sino de manhã cedo, seis horas. Então eles estavam sentados numa terça-feira de carnaval não, era um domingo de carnaval tava sentado olha, aí eu sei bem ainda as pessoas nitidamente que eram o Fúbica, era o Lula foi ele que inventou a Escola de Samba, foi ele: o Aluisio Pereira Lima, ele disse "vamos fazer uma Escola de Samba, porque aqui em Manaus não tem *vambora* fazer uma Escola de Samba?". Aí os outros se juntaram: o João Calvino, o Manduca... e formaram a Escola. Aí ele disse: "como é que nós vamos fazer os materiais de tocar?" e aí eles foram no "Curtume Matos, que tinha na Ramos Ferreira (Rua) lá perto do São Raimundo. Eles trouxeram couro e fizeram os tamborins na oficina do meu cunhado - foi o Lalau, que dono daquela esquina e arrumaram umas frigideiras, umas matracas, se juntaram e teceram... o primeiro ano foi 1947, foi o primeiro ano que essa escola desceu. E ela desceu assim sem nome... 47, 48, 49 eles colocaram o nome de Escola Mixta da Praça XIV. E aí nós fomos lá montar aquela Escola. Montamos as baianas... eu fui uma delas, a irmã do finado Zé Ruidade, então o Zé Ruidade aproximou-se e começou a tirar samba. E nós descíamos a Avenida, que éramos só nós, não tinham com quem nós concorressémos. E isso foi 47, 48, 49, descemos a Avenida. E nós chamávamos aqui o morro, porque era assim, descia aqui assim, então surgiu esta Escola, essa Escola foi surgida aqui, aqui na Igreja do lado onde era a Capela, daí que surgiu a Escola de Samba.

Em 1950, já desceu Lurdinha, a Eunice, mulher do finado Fernando que era pai desse menino que já faleceu como era o nome? - Nelson. Nós saíamos na Escola, depois eu não saí mais, aí já ficou pra eles." **Marina Reis Rodrigues**

"Outro registro que eu queria fazer também, aqui perante esses moradores todos antigos: é que aqui nasceu a "Escola de Samba Mixta da Praça XIV" - estão lembrados disso aí? Eu digo depois de muitos anos, a participação: eu, meu pai, minha mãe até hoje viva com 86 anos, deixou de brincar na Vitória Régia (atual escola de samba) porque não tem mais aquele pique mas também foi uma das baianas mais incríveis da brincadeira daqui das escolas de samba de Manaus, mas ninguém se lembra disso... Ela se chama Dona Francisca o apelido dela é Chiquinha. Ela é viva ainda, minha mãe, graças a Deus! Meu pai não, meu pai já faleceu, foi embora." **Melquíades**

Problemas / Conflitos

"...Dona Janoca falou muito bem, no comício que houve aqui em frente ao Seu Álvaro pra mudar o nome da Praça XIV. Foi no começo do "Gilberto Mestrinho" (governo), ele era governador seria Praça Portugal, como até hoje conseguiram mudar, só que os moradores continuam no Praça XIV de Janeiro, mas lá na Câmara lá foi mudado para Praça Portugal. Porque em virtude da Santa que é portuguesa (Paróquia de Nossa Senhora de Fátima), então fizeram essa mudança aqui, mas os moradores continuaram, até hoje, todo mundo só conhece como Praça XIV de Janeiro e ele (Zé Ruidade) fez naquele momento uma música fazendo protesto. Essa música eu tenho registrada aqui, ele subiu no palanque e cantou"

"Hoje eu vejo o ônibus, vem cheio de gente (para trabalhar), salta aqui não sei de que bairro e os filhos daqui, os nossos netos, bisnetos, tataranetos não tiveram vez de ficar aqui numa empresa dessa. É o que eu sempre falo lá pros meus filhos, como é que eu vou falar um dia, vão ter conhecimento como era essa praça e hoje como ela está?" **Marina Reis Rodrigues**

Reivindicações do Grupo

"Olha, apesar da evolução do Bairro, do comércio, o que nós praticamente não temos aqui é saneamento básico: nós não temos esgoto. Era isso que eu queria registrar. É isso que eu reivindico para todos os candidatos que vem aqui pedir voto, mas até agora nós não fomos atendidos. Você vê, principalmente aqui nesse quarteirão onde nós moramos (Rua Japurá Visconde de ... Rua Inhamundá) é uma imundice, é água escorrendo pela rua. As fossas, são ainda aquelas biológicas, tem que pagar quatrocentos reais (R\$ 400,00) aqui no Centro, no centro comercial." **Magnólia Rodrigues Fonseca**

"Eu tinha 13 anos e me lembro que existia aqui a Sede do Romerino. Ali a Comunidade se reunia para trocar idéias, discutir os problemas do Bairro. Também ali se faziam as Festas, a antiga "Banda do 27" que era do exército, vinha tocar, mas quando chegou a época da ditadura militar, os limites tomaram a área e mandaram que os moradores se retirassem de lá. Nós negros não tínhamos vez, ainda mais na época da ditadura. Tivemos que nos retirar daquele local que era uma referência social para a Comunidade" **Clark Lásaro da Silva Fonseca**

Contatos

Associação do Movimento Orgulho Negro - AMONAM
Av. Japurá, 1360 - Praça 14 de Janeiro - Manaus-AM
Tel.: (92) 3233-0261/ 3234-2507

Fórum Permanente dos Afro-descendentes do Amazonas FOPAAM
Av. Joaquim Nabuco, 1023 - Centro - Manaus-AM
Tel.: (92) 3234-9465/3234-9437
Moradores da Praça 14 de Janeiro

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (Fundação Ford - PPGSCA - UFAM)

Série: Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia

1. Indígenas na Cidade de Belém
2. Homossexuais na Cidade de Belém
3. Afro-religiosos na Cidade de Belém
4. Negras e Negros na Cidade de Belém
5. Catadores na Cidade de Belém
6. Pessoas com Deficiência na Cidade de Belém
7. Feirantes dos Portos Públicos de Belém
8. Ribeirinhos das Ilhas de Belém
9. "Movimento das Peconheiras e Peconheiros da Ilha de Itacoanzinho, Igarapés Caixão e Genipauba", Acará
10. "Histórias de luta e conquistas dos moradores do Riacho Doce e Pantanal no Igarapé Tucunduba", Belém
11. "Fé e Esperança: Mulheres Guerreiras de Campo Sales", Manaus
12. "Histórias de Lutas e Conquistas dos Moradores do Bairro Jesus Me Deu", Manaus
13. "Famílias da Comunidade Parque Riachuelo I", Manaus
14. "Bairro Parque Riachuelo II: História, Conquistas e Reivindicações", Manaus
15. "Ontem um dono, hoje milhares: A História Bairro Parque São Pedro", Manaus
16. "Comunidade Negra de São Benedito da Praça 14 de Janeiro", Manaus

Realização

São Benedito

Comunidade Negra de São Benedito
da Praça 14 de Janeiro

Apoio



FORD FOUNDATION



UFAM
PPGSCA



UNAMAZ

PPGDA
UEA



FAPEAM
Fundação de Apoio à Pesquisa
do Estado do Amapá

Rua Emílio M

Av. Nhamundá



Praça 14



Av. Japurá



Av. Tar



COMUNIDADE
DO BAIRRO
CONVIDA TODA A CO
PARTICIPAREM
REALIZADA NO D